



A Mãe do Mundo

como símbolo e como fato

C.W. Leadbeater

HIMALAYA

A Mãe do Mundo como símbolo e como fato

C.W. Leadbeater

Tradução de Ricardo Frantz

Direitos reservados para a Canadian Theosophical Association

Editora Teosófica

Sumário

Parte 1

A Mãe do Mundo como símbolo e como fato

Parte 2

A Mãe de Jesus

Parte 3

O Trabalho de Hoje

Parte 4

A Matéria Virgem

Conclusão

O Aspecto Feminino da Deidade

Parte 1

A Mãe do Mundo como símbolo e como fato

Será melhor que eu comece com uma declaração definida sobre o que eu pessoalmente sei a respeito da Mãe do Mundo, tratando dos fatos como eles são, e da maneira como eles nos interessam e influem no trabalho que temos de fazer – deixando de lado por ora todos os mitos que se agruparam em Seu redor.

A Mãe do Mundo, então, é um Ser grandioso que está à testa de um grande departamento da organização e governo do mundo. Em verdade Ela é um poderoso Anjo, tendo sob Suas ordens uma vasta falange de Anjos subordinados, a quem Ela mantém perpetuamente empregados no trabalho que Lhe cabe particularmente. Este trabalho tem tantas e tão maravilhosas ramificações que não é fácil darmos sequer a ideia mais geral dele em poucas frases. Por enquanto bastará dizer que num sentido muito real Ela tem sob Sua responsabilidade todas as mulheres do mundo, e especialmente no tempo de sua provação maior, quando elas exercem a função suprema que Deus lhes confiou, ao tornarem-se mães.

Contam-se muitas histórias, especialmente entre os camponeses, de mulheres que viram a Mãe do Mundo ao seu lado naquelas horas cruciais, e muitas que não tiveram o privilégio de vê-La mesmo assim sentiram a ajuda e a força que Ela derrama. Por que A veriam os camponeses, e não as pessoas mais intelectualizadas? Exatamente porque aqueles que se desenvolveram intelectualmente muitas vezes mergulharam naquela parte de sua consciência que exclui grande parte da impressionabilidade preservada pelos outros que vivem mais próximos da Natureza. Não obstante, às vezes também os mais desenvolvidos A veem. Uma dama da nobreza inglesa me contou que sob circunstâncias similares ela também viu ao lado de seu leito um grande Anjo, que maravilhosamente provocou nela uma espécie de inconsciência, a fim de amenizar a dor em certos momentos.

Talvez seja esta Sua maior e mais impressionante função; mas Ela também tem uma outra que A leva para a mais estreita relação com a humanidade, pois Ela tornou parte de Sua obra tentar mitigar o sofrimento do mundo, agir como Consoladora, Confortadora, Auxiliadora de todos os que estão em atribulação, tristeza, necessidade, doença ou qualquer outra adversidade. Para aqueles que são alheios a esta linha de ideias eu recomendaria a consulta de uma tocante história intitulada *Consolatrix Afflictorum*, no livro *The Light Invisible*, do Monsenhor R. H. Benson, e também o livreto *The Call of the Mother*, de Lady Emily Lutyens.

Todos os estudiosos de Teosofia estão a par da existência da poderosa e gloriosa Hierarquia que constitui o Governo interno e espiritual do mundo. Quem deseja entender algo sobre esta organização faria bem em consultar um diagrama muito claro e útil que aparece como a Figura 118 em *First Principles of Theosophy*, de C. Jinarajadasa. Deste diagrama vemos que enquanto o Rei Espiritual, o Senhor do Mundo, é supremo acima de todos, e o Senhor Buddha é Seu imediato como Líder espiritual do Segundo Raio, os outros cinco Raios (embora cada um seja governado por seu próprio Regente ou Chohan especial) estão todos reunidos sob a direção de um alto Oficial chamado Mahachohan. Vemos então que o Senhor Manu Vaivasvata, o Senhor Bodhisattva Maytreia e nosso Senhor o Mahachohan atuam em um certo nível bem definido como representantes dos Três Aspectos do Logos Solar, até onde interessa ao trabalho nos planos inferiores; não conhecemos nenhum outro Grande Ser que esteja naquele nível exceto algum que, tendo desempenhado alta função no passado, agora trabalha em outro lugar.

Ficando assim esclarecidos os degraus da Hierarquia, e tabulado o arranjo dos diferentes Raios e seus Líderes ou Chohans, de imediato se verá que o trabalho da Mãe do Mundo não poderia ser incluído nesta lista, pois este trabalho não pertence a Raio nenhum em especial, mas atua de uma maneira protetora para as mulheres nativas de todos os Raios. Além disso, a lista dada aqui nos indica apenas as linhas de atividade do que podemos chamar de parte humana da Hierarquia. Mas lembremos que o Senhor Maitreya é o Mestre dos Anjos assim como dos homens, e exatamente do mesmo modo o grande Senhor do Mundo é o Rei Espiritual não apenas da evolução humana, mas também do reino Angélico deste planeta. Sabemos

que existe uma seção Angélica da Hierarquia, mas ainda não temos nenhuma informação que nos possibilite compilar para ela uma tabela semelhante.

Sabemos que assim como os Adeptos dividiram o mundo em paróquias, de modo que todas as nações têm algum tipo de orientação Adepta, igualmente cada nação tem um Deua ou Anjo presidente. Sabemos, além disso, que os Anjos têm uma parte verdadeiramente grande na direção da evolução – que eles também presidem sobre certos distritos, e que há uma elaborada distribuição de Devas menores e maiores, chegando até o espírito local que atua como guardião para um bosque, um vale, um lago. Mas nosso conhecimento ao longo destas linhas é limitado e fragmentário, e a geografia política do mundo sob a ótica da Hoste Angélica ainda está para ser escrita. Portanto, provavelmente seja temerário tentarmos uma comparação entre as pessoas altamente evoluídas de ambas as evoluções; mas imagino que não erraremos muito se considerarmos a Mãe do Mundo, Nossa Senhora da Luz, como igual em dignidade aos Chohans que são Líderes de Raios.

Temo que na maioria dos países de língua inglesa a principal dificuldade que devemos encontrar no caminho de tentarmos explicar o ofício e trabalho da Mãe do Mundo será o preconceito extraordinariamente acirrado e irracional do Protestante comum contra a doutrina Católica da Bendita Virgem Maria. Inevitavelmente seremos acusados de tentarmos introduzir a Mariolatria, de tentarmos secretamente influenciar nossos leitores na direção do ensino da Igreja Romana, pois há uma vasta quantidade de equívocos ligados a este assunto. As Igrejas Romana e Grega envolvem o nome da Santa Virgem em profunda reverência, embora muitos de seus membros saibam pouco sobre o real significado do belo e poético simbolismo ligado a este nome. A Igreja da Inglaterra limitou um pouco a reverência devida a Ela, enquanto que os outros Cristãos que não pertencem a esta comunhão usualmente consideram que é idolatria cultuar uma mulher -uma atitude mental que é o mero resultado da obtusidade e ignorância.

Se nestes assuntos realmente queremos entender a verdade, devemos começar libertando nossas mentes de todo o preconceito, e o primeiro ponto a compreender é que ninguém jamais cultuou uma mulher (ou um homem)

no sentido em que o Protestante ultrajado usa a palavra. Ele é incapaz de compreender – não quer compreender – a atitude Católica em relação a Nossa Senhora ou aos Santos. Nós que somos estudantes de Teosofia, contudo, devemos adotar uma posição melhor do que esta, e tentarmos descobrir o que de fato constitui a posição Católica antes de condená-la. Citemos a Catholic Encyclopaedia (verbete ‘Culto’), que pode ser tomada como uma declaração aprovada e abalizada da Igreja Romana sobre o assunto:

“Há diversos graus de culto; se ele é dirigido diretamente a Deus, é culto superior, absoluto, supremo, ou culto de adoração, ou, de acordo com o termo teológico consagrado, um culto de latria. Este culto soberano é devido a Deus somente; endereçado a uma criatura, se tornaria idolatria.

“Quando o culto é dirigido a Deus, mas só indiretamente – isto é, quando o seu objeto é a veneração de Mártires, Anjos, ou Santos, é um culto secundário, dependente do primeiro, e relativo, pois ele honra a criatura de Deus por causa de suas relações especiais com Ele. Os teólogos denominam este como um culto de dulia, um termo de denota servidão, e implica, quando usado para significar nosso culto a ilustres servos de Deus, que seu serviço para Ele é o que constitui seu mérito para nossa veneração.

“Como a Santa Virgem tem uma posição separada e absolutamente principal entre os Santos, o culto a Ela dedicado se chama hyperdulia”.

Isto me parece tornar todo o assunto admiravelmente claro, e apresentar uma atitude correta e defensável. Já surgiu muita confusão derivada da tradução destas palavras gregas, com suas delicadas nuances de significado, pelo termo único “culto”. Acho que este erro, conjugado à completa ignorância da maioria das pessoas a respeito das sutilezas das distinções teológicas, e sua rapidez fatal em considerar mal a quem delas discorde, tem sido responsável por muitos mal-entendidos e seu conseqüente ódio. Sugiro que entre nós e em nossa literatura façamos a distinção claramente, traduzindo como “culto” somente a latria (aqui temos a versão grega real da palavra, a Encyclopedia usa a forma latina medieval); a douleia (igualmente esta é a forma grega real) poderia ser traduzida como “reverência” ou “veneração”, e hyperdouleia (o mesmo caso das outras

palavras gregas) como “reverência profunda”. Mas o ponto que devemos manter em mente é que nenhuma pessoa instruída jamais, em qualquer lugar ou tempo, confundiu a reverência devida e adequadamente oferecida a todos os grandes e santos Seres com aquele culto superior que só pode ser oferecido a Deus. Sobre isso não haja erro.

Já se falou muitas bobagens sobre idolatria, principalmente de parte de pessoas que são ansiosas demais por impor sua própria crença sobre os outros para terem ou tempo ou inclinação para tentarem entender o ponto de vista de pensadores mais sábios e tolerantes. Se eles soubessem o suficiente de etimologia para perceberem que a palavra “ídolo” significa “imagem” ou “representação”, talvez eles pudessem perguntar a si mesmos do que esta coisa é uma imagem, e se aquela Realidade não estará por trás daquilo que tantos selvagens mal compreendidos cultuam, em vez da madeira ou pedra de que os missionários falam tanto.

A imagem, a pintura, a cruz, o lingam dos Shivaítas, o livro sagrado dos Sikhs – todas estas coisas são símbolos, e não os objetos de culto em si mesmas, mas são veneradas por aqueles que entendem exatamente porque elas são designadas para nos recordar de algum aspecto de Deus, para voltarmos nossa atenção para Ele. Na Índia estes aspectos são chamados de inúmeros nomes diferentes, e os missionários se apressam em condenar os Hindus como politeístas, mas o serviçal que trabalha em seu jardim poderia lhes dizer que não há senão um Deus, e que todos aqueles são apenas aspectos dEle, são linhas para nos aproximarmos dEle, divididas e materializadas a fim de trazer a infinitude um pouco mais para dentro da compreensão de nossas mentes muitíssimo finitas.

Há muita necessidade de caridade, de compreensão, e de uma atitude simpática em relação aos outros que estão trilhando outra estrada até os pés do Deus em que todos acreditamos igualmente – o Pai amoroso de que nos fala Cristo, o Deus único e verdadeiro que disse através de uma outra de Suas manifestações: “Todo o culto verdadeiro chega a Mim, por diferente que possa ser seu nome”, e “Por qualquer via que os homens se aproximem de Mim, nesta mesma via Eu os encontro, pois todos os caminhos que os homens trilham são Meus”.

Não exista nada além de Deus, e para quem quer que sinta reverência, adoração, amor, é para o Deus manifesto através dele (em qualquer extensão em que isso ocorra) que esta reverência, adoração ou amor são oferecidos. “Tenho muitas ovelhas que não pertencem a este rebanho; estas também Eu reunirei, e elas ouvirão a Minha voz, e então haverá um só rebanho e um só pastor”.

Tendo assim tentado subir acima do miasma da ignorância e intolerância para o ar puro da justiça e da compreensão, neste espírito abordemos a consideração da bela e maravilhosa manifestação do poder e amor divinos que está por trás do nome da Mãe do Mundo.

Não penso que alguém com nossa educação ocidental considere fácil entender a plethora de simbolismo que é usado nas religiões orientais, e as pessoas esquecem que o Cristianismo é uma religião oriental, assim como o Budismo, o Hinduísmo e o Zoroastrismo. Cristo assumiu um corpo judeu – um corpo oriental; e aqueles a quem Ele falou tinham métodos orientais de pensamento, e não os nossos. Em todas aquelas religiões eles têm um método de simbolismo muito elaborado e maravilhoso, e deleitam-se muito com seus símbolos; eles os movem e combinam, e tratam deles com amor na poesia e na arte. Mas nossa tendência é mais em direção ao que chamamos de praticidade, e somos propensos a materializar estes ideais todos e, por conseguinte, os degradamos grandemente.

Jamais esqueçamos que nossa religião veio do Oriente, e que se queremos entendê-la devemos primeiro olhar para ela como um oriental olharia, sustentando nossas modernas teorias científicas até que sejamos capazes de ver se são adequadas. Elas podem ser tornadas adequadas, mas a menos que saibamos como somos mais sujeitos a confundir tudo, e corremos o sério risco de presumirmos que o povo que elaborou a alegoria não sabia de nada e estava irremediavelmente errado. Eles não estavam errados. Aqueles belos e antigos mitos veiculam o significado sem necessariamente apresentar os fatos científicos crus diante daqueles que ainda não desenvolveram suas mentes para compreendê-los daquela forma. Isso era bem entendido na Igreja primitiva.

Há sempre muito mais por trás daqueles pensamentos originais e poéticos dos homens de antanho do que crê a maioria das pessoas. É tolice nos mantermos cheios de preconceito ignorante, muito melhor é tentarmos entender. O que quer que tenha sido artístico ou de ajuda em qualquer religião sempre teve por trás de si uma verdade. Cabe-nos desentranhar esta verdade, cabe-nos retirar as crostas dos séculos e deixar brilhar a verdade.

Isso vale para o belo símbolo Cristão da Bendita Virgem Maria. Há três ideias diferentes envolvidas no pensamento usual a Seu respeito:

- A história da mãe do discípulo Jesus; o que Ela era e o que se tornou depois.

- O mar da matéria virgem, o Grande Abismo, a água sobre cuja face se moveu o Espírito de Deus.

- O aspecto feminino da Deidade.

Estas ideias no decurso dos séculos se confundiram, degradaram e materializaram até o formato em que hoje a história se apresenta, e se tornaram inacreditáveis para qualquer pessoa pensante. Mas não seria assim se analisássemos e entendêssemos seu real significado, se separássemos o mito e o símbolo da crônica da pessoa viva.

A Igreja Romana ensina seus féis sobre o Nascimento Virgem de Jesus e sobre a Imaculada Conceição da própria Virgem em Sua mãe, Santa Ana. O primeiro destes eventos é contrário às leis da Natureza (que são as leis de Deus, expressões de Sua vontade) e portanto é impossível que tenha acontecido. O segundo, imagino, usualmente é tomado (pelo menos por quem não teve maior instrução em teologia) como significando que Nossa Senhora foi concebida, assim como Seu Filho divino, pela sombra do Espírito Santo; mas consultando publicações Romanas autorizadas vi que não é assim, pois o ensinamento é que Ela foi concebida na maneira usual, como o resto da humanidade, sendo seus pais São Joaquim e Santa Ana. É explicado que a doutrina da Imaculada Conceição significa somente que a mítica culpa primai do que eles chamam de pecado original (que se supõe herdado de Adão) não foi imposta por Deus sobre o embrião de Nossa Senhora.

Desejo ser absolutamente justo em minha exposição desta doutrina notável, mas devo admitir que ela me parece uma invenção teológica desnecessária e mesmo fantasiosa. Jamais encontrei a menor evidência histórica sobre a grotesca história de Adão e Eva e a maçã, e creio que toda a teoria sobre o pecado original é simplesmente um meio tosco de declarar o fato de que o homem traz consigo, de seus nascimentos anteriores, uma certa quantidade de karma. Se tentarmos interpretar ao longo desta linha, talvez esta doutrina da Imaculada Conceição possa ser tomada como confirmação da declaração de que Nossa Senhora já havia esgotado todo o Seu karma negativo, e conseqüentemente entrou em Sua vida na Palestina praticamente sem karma algum. Mas não tenho dados sobre isso.

É um erro apresentar estas ideias como ocorrências factuais na vida de uma mulher judia; não poderia ter sido assim, e por isso não é verdade. Mas se as entendermos como símbolos de certo estágio no processo da Criação, da evolução de um sistema solar, elas encontram seu lugar naturalmente, e são vistas como belas e significativas. Despida delas, a história da vida se torna coerente e crível.

A mesma Igreja tem a Festa da Assunção como comemorativa da elevação de seu corpo físico para o céu – mais uma vez uma impossibilidade patente; mas quando percebemos que isso é só uma descrição poética da entrada de um Adepto triunfante no Reino Angélico, vemos de imediato a adequação de tudo que já se escreveu a respeito, e das maravilhosas pinturas que já inspirou.

Primeiro de tudo, então, consideremos a vida física de Nossa Senhora da Luz, e as conseqüências que a seguiram e A conduziram a aceitar ao Ofício em que Ela hoje atua.

Parte 2

A Mãe de Jesus

Deve ser entendido que o discípulo Jesus nasceu exatamente como nascem os demais humanos. Esta estranha doutrina da Imaculada Conceição, uma tentativa de explicar a história da fertilização da Santa Virgem pelo Espírito Santo – todo este grupo de ideias se refere a um mito, a um símbolo; tem um significado real e um bela interpretação, que logo tentarei demonstrar, mas não tem nada a ver com o corpo físico do discípulo Jesus. A mãe daquele corpo físico era uma dama judia de berço nobre, mas, segundo a tradição, de poucos recursos. Não precisamos pensar em José (que também, lembremos, era da estirpe de Davi) como carpinteiro, pois isso é parte do simbolismo, e não da história. Neste simbolismo José representa o guardião da Santa Virgem, que é a alma do homem. Ele representa a mente, e porque a mente não é o criador da alma, mas apenas seu mobiliador e decorador, José não é um pedreiro, como o Grande Arquiteto do Universo, mas um carpinteiro. Não precisamos imaginar Nosso Senhor trabalhando em uma carpintaria; isso é só um exemplo da confusão e materialização introduzidas por aqueles que não entendem o símbolo.

A mãe de Jesus, então, era uma nobre dama da Judeia, uma descendente da casa real de Davi. Verdadeiramente Ela, que foi escolhida para uma honra tão alta, deve ter sido pura e verdadeira e de caráter impecável – uma grande Santa, pois ninguém mais poderia ter dado à luz um corpo tão puro, tão maravilhoso e tão glorioso. Ela levou uma vida santa e divina, de terrível sofrimento (que Ela suportou com maravilhosa paciência e nobreza de alma), mas com suas consolações igualmente estupendas. Sabemos pouco sobre seus detalhes, só ocasionalmente vislumbramos algum na resumida narrativa de seus contemporâneos, mas foi uma vida que faríamos bem em imaginar para nós mesmos, um exemplo pelo qual podemos muito bem agradecer a Deus. Esta vida A levou até grandes alturas – alto o bastante para tornar possível um curioso e formosíssimo desenvolvimento ulterior, que agora devo explicar.

Estudiosos da vida interna sabem que quando uma pessoa chega ao fim da parte puramente humana de sua evolução – quando o passo seguinte a elevará à condição super-humana de Adepto, para dentro de um reino tão definitivamente acima da humanidade quanto o homem está acima do reino animal, quando ela tiver atingido o propósito pelo qual foi tornada humana - abrem-se diante dela diversas linhas de crescimento, e ela pode escolher qual irá seguir.

Ocasionalmente, também, há condições em que esta escolha pode ser em certa medida antecipada. Não é o local de discutirmos as opções; basta aqui dizer que uma das possibilidades é se tornar um grande Anjo ou mensageiro de Deus – unir-se à evolução Dévica, como é chamada na Índia. E esta foi a linha escolhida por Santa Maria, quando Ela atingiu o nível em que a encarnação humana já não Lhe era necessária.

Um vasto número de Anjos jamais foi humano porque sua evolução segue em uma outra linha, mas há Anjos que foram homens, e que em certo estágio de seu desenvolvimento escolheram seguir a linha Angélica, e esta é uma linha muito gloriosa, magnífica e auxiliadora. Assim Ela, que há dois mil anos carregou o corpo de Jesus a fim de que mais tarde ele pudesse ser assumido por Cristo, agora é um poderoso Anjo.

Muito de formoso entusiasmo e devoção foram derramados aos Seus pés ao longo dos séculos, milhares e milhares de monges e freiras, milhares e milhares de homens e mulheres sofredores, achegaram-se a Ela e expressaram sua dor, e oraram para que Ela por Sua vez apresentasse suas súplicas ao Seu Filho. Este último tipo de prece é um equívoco, porque Aquele que é o Eterno Filho de Deus e ao mesmo tempo o Cristo dentro de nós não precisa de ninguém que interceda por nós junto a Ele. Ele sabe, antes de sequer falarmos, o que é melhor para nós. Nós estamos nEle, e fomos feitos através d’Ele, e sem Ele não teria sido criado nada do que foi criado, nem mesmo a menor partícula de pó de todo o universo.

Ele está mais perto que a respiração,
mais perto do que as mãos e os pés.

Quem entende não reza pela intercessão de grandes Anjos, porque sabe que Ele, em quem vivem e se movem e têm seu ser todos os Anjos, já está fazendo o melhor que pode ser feito por cada um de nós. Mas assim como alguém pode pedir ajuda a um amigo encarnado – como alguém pode, por exemplo, pedir o encorajamento de seu pensamento – da mesma forma alguém pode pedir ajuda do mesmo amigo humano quando ele tiver deixado sua vestimenta de carne; e da mesma forma alguém pode pedir o mesmo tipo de ajuda a estes grandes Espíritos em seu nível superior.

Não há nada de irracional ou anticientífico nisso. Eu mesmo já recebi cartas de pessoas que sabem que eu estudei estes assuntos, contando que em tal e tal momento eles estariam sob alguma dificuldade – talvez uma operação cirúrgica, ou alguma outra provação – e pediram que eu pensasse neles naquele momento, e enviasse pensamentos de auxílio. Naturalmente sempre o fiz. E como sei que não existe efeito sem causa, e exatamente da mesma forma não pode haver causa que não produza seu efeito, sei que se eu (ou qualquer um de vocês) tiver o trabalho de fixar o pensamento sobre alguém com problemas ou em dificuldades, e tentar enviar-lhe ideias auxiliadoras, tentar colocar diante dele algo que o fortaleça em seus problemas, podemos ficar perfeitamente certos de que a força-pensamento produzirá seu efeito, que ela viajará e agirá sobre aquela pessoa. A extensão em que ela pode fazê-lo depende da receptividade da pessoa, da força do pensamento, e de várias outras circunstâncias; mas que produzirá algum efeito podemos ficar absolutamente certos. E assim, quando enviamos um pedido por pensamento amável, auxiliador e fortalecedor para um destes Grandes Seres – seja ele um Santo encarnado, ou já desencarnado, ou um dos grandes Anjos – seguramente aquela ajuda nos chegará, e nos fortalecerá.

Este é o caso da Mãe do Mundo, mas há aqueles que nos querem fazer acreditar que todo aqueles esplêndidos bons sentimentos, todo aquele amor e completa devoção, foram desperdiçados e foi tudo inútil. Por incrível que isso possa parecer a alguém acostumado a pensar em linhas mais largas e sãs, realmente imagino que em sua estranha ignorância eles são o pior dos inimigos da Igreja hoje em dia. Eles vão ainda além, e dizem que é errado, mau e blasfemo para um homem sentir tal amor e devoção por Ela! Soa como loucura, mas temo que seja verdade que existam tais pessoas. É claro

que a verdade é que nenhuma devoção, nenhum amor, nenhum bom sentimento jamais foram errados, para quem quer que os tenha enviado. A devoção e o afeto muitas vezes têm sido prodigalizados sobre objetos indignos, mas isso não foi um erro de parte do doador -apenas uma falta de discernimento; sempre é bom para ele que se derrame em amor, pois com isso ela desenvolve sua alma.

Lembremos que se amamos qualquer pessoa, é o Deus interior nela a quem amamos; Deus em nós reconhece Deus nela; as profundezas clamam uma pela outra, e o reconhecimento da Divindade é sinônimo de felicidade. O amante muitas vezes vê no amado qualidades que ninguém mais consegue ver; mas estas qualidades estão nele em estado latente, porque o Espírito de Deus está em todos nós, e a funda confiança e forte afeto do amante tende a invocar à manifestação aquelas qualidades latentes no amado. Aquele que idealiza outrem tende a fazer com que aquela outra pessoa se torne como ele imagina que ela seja.

Poderíamos então supor que toda a maravilhosa e bela devoção endereçada à Mãe do Mundo foi desperdiçada? Qualquer pessoa que pensa assim deve entender bem pouco da economia divina. Nenhum sentimento verdadeiro e santo jamais foi desperdiçado desde que o mundo começou, ou será até que ele acabe; pois Deus, que nos conhece a todos, dispôs que o menor toque de devoção, o menor sentimento de compreensão, o menor pensamento de culto, sejam sempre recebidos e atuem sempre até o máximo de suas possibilidades, e sempre tragam dEle uma resposta. Neste caso Ele, em Sua benevolência, indicou a Mãe de Jesus como o grande Anjo que iria receber estas preces – para ser um canal para elas, para aceitar esta devoção, e encaminhá-la a Ele. Portanto a reverência que oferecemos a Ela, e o amor derramado a Seus pés, jamais nem por um momento foram desperdiçados; eles trouxeram seu resultado, fizeram seu trabalho.

Século após século os mais ricos tesouros da arte tiraram sua inspiração da beleza de Sua divina maternidade; Suas glórias têm sido postas na música mais magnífica; Sua sabedoria tem inspirado os maiores doutores e instrutores da Igreja, pois Ela é o Coração da Sabedoria, a Mãe do amor justo, da paciência e da perseverança e da santa esperança – Ela que guarda todas as palavras de Jesus em Seu coração.

Se tentamos entender, veremos o quanto a realidade é maior do que a estreita concepção de que todo pensamento elevado, todo o culto, todo o louvor não dirigido a algum Nome em particular deva se perder inevitavelmente. Por que Deus limitaria a Si mesmo por causa de nossos enganos a respeito de Seus nomes? Ele olha dentro do coração, e não para as palavras. As palavras são condicionadas pelas circunstâncias externas – pelo lugar de nascimento, por exemplo. Somos Cristão porque aconteceu de nascermos na Inglaterra, ou na América, ou em algum outro país Cristão – e não porque examinamos e comparamos todas as religiões e deliberadamente escolhemos o Cristianismo. Somos Cristãos porque esta era a fé em meio à qual nos encontramos, e assim a aceitamos.

Já lhes ocorreu que se tivéssemos nascido na Índia seríamos Hindus ou Islamitas de um modo igualmente natural, e derramaríamos nossa devoção a Deus sob o nome de Shiva, Krishna ou Allah em vez do nome de Cristo? Se tivéssemos nascido no Ceilão ou em Burma seríamos Budistas ardorosos. O que estas considerações de local importam para Deus? É sob Sua lei de perfeita justiça, sob o seu esquema de evolução, que uma de Suas criaturas nasce na Inglaterra e outra na Índia ou no Ceilão, de acordo com suas necessidades e merecimentos. Quando qualquer homem derrama sua devoção, Deus a recebe através do canal que Ele indicou para aquele homem, e assim todos se satisfazem e é feita justiça. Seria uma injustiça grosseira e flagrante se a devoção honesta fosse perdida ou rejeitada. Jamais a menor fração dela foi rejeitada. Os caminhos de Deus são diferentes dos nossos, e Sua compreensão destas coisas é muito maior e mais vasta do que a nossa. Como Faber escreveu:

Pois tornamos Seu amor estreito
pela falsa limitação nossa,
e magnificamos Seu rigor
com um zelo que Ele não mostra.

As histórias que ouvimos sobre a Mãe do Mundo podem bem ter seu fundo de verdade. Ouvimos sobre Ela aparecendo em vários lugares para várias pessoas – para Joana d'Arc, por exemplo. É muitíssimo provável que Ela ou Ele (pois em tão excelsas alturas não há nada semelhante a algo que

podéssemos chamar de gênero sexual) o tenha feito – que este grande Anjo de fato Se tenha mostrado. Não há nenhuma impossibilidade prévia nisso, e é altamente improvável que todas as pessoas que testemunharam estas aparições estivessem iludidas ou hipnotizadas, ou caído em algum estranho engano. Todos os estudantes sabem que um intenso pensamento sobre qualquer assunto produz fortes formas-pensamento que permanecem muito próximas do limite da visibilidade; já foram criadas milhares de tais formas-pensamento da Senhora da Luz, e podemos estar certos de que Ela jamais deixou de responder e animá-las completa e eficazmente. É certo que, além disso, sob circunstâncias favoráveis algumas se tornam visíveis fisicamente, e mesmo quando permanecem astrais, as pessoas sensíveis muitas vezes podem vê-las. A terrível e inaudita tensão e ansiedade originadas pela Guerra Mundial tornou muitas pessoas sensíveis a impressões psíquicas que antes jamais perceberam. Assim acontece de ouvirmos tantas histórias de aparições bem agora, e as visões ou manifestações da Mãe do Mundo ocupam entre elas um lugar proeminente.

Diz-se ainda que através da fé nEla têm-se produzido curas maravilhosas em Lourdes e outros lugares. Provavelmente isso é fato. Não há nada de anticientífico nisso, supô-lo não cai fora do razoável e do bom-senso. Sabemos perfeitamente bem que uma forte efusão de força mesmérica produz certas curas; não temos conhecimento nenhum sobre os limites deste poder, mas é bom lembrarmos que todas estas coisas têm uma verdade por trás.

Assim, pois, foi Ela, a Senhora da Luz, que enviou através de nossa Presidente [da Sociedade Teosófica – NT] aquele maravilhoso Apelo às Mulheres do Mundo. Em A Fraternidade de Homens e Anjos Geoffrey Hodson escreve sobre Ela:

“Ela trabalha sempre pela causa da maternidade humana, e agora mesmo está empregando toda a Sua imensa força e chamando toda a Sua corte Angélica para trabalhar em prol da elevação da maternidade em todo o mundo. Através de Seus Anjos mensageiros Ela mesma está presente em cada nascimento humano – invisível e ignorada, mas em verdade bastaria que as pessoas abrissem seus olhos e Ela se revelaria. Ela envia sua mensagem aos homens através da Fraternidade:

” Em Nome dAquele a quem carreguei há muito tempo, Eu venho em vosso socorro. Tomei cada mulher em meu coração, para ali ter parte com ela, para que através disso eu possa auxiliá-la em seu tempo de necessidade. Elevai as mulheres de vossa raça até que as vejam, como Rainhas, e para tais Rainhas cada homem seja um Rei, para que possam ambos se honrar mutuamente, percebendo a realeza um do outro. Que toda casa, por menor que seja, se torne uma corte, cada filho seja um cavaleiro, cada infante seja um pajem. Que todos se tratem mutuamente com cavalheirismo, honrando um no outro a filiação regia, seu nascimento augusto, pois há sangue real em todo homem: somos todos filhos do Rei’ “.

Agora nos resta considerar como podemos nos valer deste privilégio de servi-la que Ela nos oferece; e também, tratar dos aspectos simbólicos da Mãe do Mundo.

Parte 3

O Trabalho de Hoje

Agora temos de passar à história moderna e considerar o trabalho da Mãe do Mundo hoje, e a oportunidade que recentemente Ela nos ofereceu de tomarmos uma parte nele. Faz cerca de três anos que Ela falou a alguns de nós a este respeito; de fato, creio que recaiu sobre mim a honra de introduzir o assunto para um pequeno grupo de nossos irmãos, como resultado de uma audiência em que a Mãe do Mundo foi tão graciosa se lembrando de mim.

Em sua função de guardiã da mulher Ela naturalmente trabalha em estreita colaboração com os agentes dos Lipika, os Senhores do Karma, cujo trabalho é encontrar corpos adequados para o vasto exército de egos que esperam encarnar. Isto muitas vezes representa grande dificuldade, requerendo os mais delicados ajustes na conciliação de necessidades conflitantes, pois obviamente o karma não tem favoritos. Se for o karma do ego encarnante ter tais e tais pais, que lhe darão (ou lhe vedarão) oportunidades que ele mereceu, igualmente é karma daqueles pais ter tais e tais filhos, que obviamente podem afetar suas vidas muito seriamente, e trazer-lhes muita alegria ou muita aflição.

Neste ponto específico da história o Manu da Quinta Raça-raiz está trabalhando para desenvolver uma nova sub-raça, a sexta, que há de possuir algumas características novas, consideravelmente à frente daquelas exibidas comumente pelas pessoas em geral de hoje. Como Ele está trabalhando para trazer esta nova sub-raça à existência?

Lembremos que não há milagre algum em torno disso. A nova sub-raça não é criada em um piscar de olhos – ela deve crescer em passos lentos a partir da que já existe. Suponhamos que, se o Senhor Manu quisesse, Ele poderia selecionar um grupo de pessoas e dizer-lhes: “Vós sereis a nova sub-raça”, e Ele poderia fazer algumas mudanças em seus corpos e cérebros para tornar isso possível. Mas a Natureza não age assim, e quando dizemos

que “a Natureza não age assim” queremos dizer: “Não é assim que atua a Vontade do Logos”. Toda a mudança é gradual, e podemos ver por quê.

Somos entidades vivas, todos nós, e portanto podemos ser mudados em profundidade só mui lentamente. Podemos tomar o que chamamos de matéria inanimada – é claro que não é de fato inanimada – podemos tomar metal e fundi-lo e modelá-lo em qualquer formato com razoável rapidez. Mas se você é um jardineiro, e deseja moldar certa planta ou árvore em determinada forma, não pode pegá-la e mudar sua forma de imediato, como faria com um metal. Se o fizesse provavelmente mataria a planta. Você tem que gradualmente persuadir a planta a crescer nesta ou naquela direção. O mesmo se dá com todos os organismos vivos. Sei que todos os organismos são vivos, mas alguns são mais vivos que outros.

O mesmo seguramente vale para nós. Temos em nós a possibilidade de desenvolver todas as características que são necessárias para esta nova sub-raça. Não tenho dúvidas que temos – pelo menos espero! Assim se dá o mesmo com nossas crianças. Elas têm em si a potencialidade necessária, e o desenvolvimento deve ser gradual, se queremos preservar a integridade e saúde do ser vivo. Assim o método do Manu e Seus assistentes (pois há miríades de miríades de Devas trabalhando sob Suas ordens) é do desenvolvimento gradual.

Às vezes falamos de crianças promissoras ou de um povo jovem. O que queremos dizer com isso? Pelo menos nesta época particular, o que queremos dizer é que há crianças que já estão mostrando algumas das características desta nova sub-raça. Não todas; seria extremamente raro encontramos uma criança com todas as características da nova sub-raça. Se fosse assim ela logo chegaria ao Adeptado talvez, ou pelo menos ao Arhatado; mas tais manifestações ainda são raríssimas. Poderíamos, outrossim, encontrar crianças nascidas entre nós que mostram uns 25 % das características da nova sub-raça. E mesmo neste caso isso seria uma grande fortuna, pois mesmo isso é incomum, e valeria muito a pena – melhor dizendo, seria o dever mais imperioso -dar-se todas as oportunidades para seu crescimento na direção correta.

Então ocorre de Nossa Senhora, a Mãe do Mundo, estar exatamente agora muito preocupada com este assunto de prover corpos adequados para egos bem desenvolvidos, e isso de modo algum é uma tarefa simples. Milhares de egos avançados estão prontos e ansiosos por uma encarnação a fim de que possam ajudar na obra do Instrutor do Mundo, mas a dificuldade de se encontrar corpos adequados é imensa. Por exemplo, temos o caso daqueles que morreram na Guerra Mundial, que deixaram suas vidas no campo de batalha em defesa da verdade e da justiça.

A Guerra de fato foi uma coisa horrenda; de parte dos agressores talvez tenha sido o maior crime da história humana; mas uma vez que isso tinha de acontecer, Aqueles que dirigem a evolução humana a utilizaram como meio de selecionar Seu material, separando o joio do trigo. Todos os mais nobres homens de sua geração tomaram parte nela de uma ou outra maneira; isso foi um teste tremendo que se lhes aplicou. Eles responderam à emergência, passaram no teste, agarraram a oportunidade. Portanto mereceram um karma maravilhosamente bom, e conseguiram para si mesmos uma quantidade de progresso que sob condições mais comuns não teria sido obtida em uma dúzia de encarnações. Ganharam para si o direito de nascer já na sexta sub-raça.

11

Eles eram de todos os tipos e de todas as classes – alguns refinados e artísticos, alguns toscos e rudes; mas todos tinham esta grande qualidade em comum, a de estarem prontos a arriscar suas vidas por um ideal. A mudança para a nova sub-raça não os tornará logo refinados; ela não pode alterar suas características principais. Eles são heróis, mas não necessariamente se tornaram santos, nem homens ou mulheres refinados e cultos. Mas a sexta sub-raça não será composta só de Adeptos, como as pessoas parecem supor! Não podemos ser todos nós sacerdotes, médicos, artistas: precisaremos de carpinteiros, ferreiros, agricultores também, assim como hoje. Aquela nova raça conterà homens de todas as classes, assim como nossa sub-raça atual de onde a outra evolui. Estaremos em vários níveis de evolução, assim como hoje em dia; mas espero e acredito que todos teremos certas grandes qualidades em comum que só poucos apresentaram na quinta sub-raça. Deveremos ser mais liberais, menos

preconceituosos, mais livres no pensamento e na ação, mais fraternos e compassivos. O Reverendo T. W. Chignell expressou bem isso:

Vede que triunfos se nos surgem
quando os anos passam em sequência!
O conhecimento bane o erro,
o calor do amor, a indiferença.
Compreendendo o sol e toda a terra
o homem cresce em padrão mais nobre -
tem mais larga a mente e o coração;
reverente, audaz, amável, forte.

Assim haverá enfim um lugar para todos. Mas aqui e ali corpos mais dignos são necessários para esta grande hoste, e até onde possível entre povos jovens e progressistas; onde se acharão em grande número? Os soldados são gradual e lentamente acomodados; já os oficiais representam um problema sério. Em consequência da tolice e ostentação inútil está crescendo uma tradição nefasta no mundo ocidental de que homens e mulheres já não devem mais casar e que famílias grandes são dispendiosas demais para serem sustentáveis na prática. Não entendendo as maravilhosas oportunidades que seu sexo lhes confere, as mulheres desejam se livrar das restrições do matrimônio a fim de imitarem as vidas e atitudes masculinas, em vez de tirarem proveito de seus privilégios peculiares. Tal linha de pensamento e ação obviamente é desastrosa para o futuro da raça, pois significa que muitos dos pais das classes superiores não tomam parte em sua perpetuação, mas a deixam inteiramente nas mãos dos egos menos desejáveis e menos desenvolvidos.

Do ponto de vista oculto a maior glória de uma mulher não é se tornar uma líder na sociedade, nem ter um título acadêmico e viver em desprezível isolamento em um apartamento, mas sim fornecer veículos para os egos que virão a se encarnar, e gerir um lar onde suas crianças possam ser treinadas com adequação e felicidade para viverem sua vida e fazerem seu trabalho específico no mundo. E esta sua função é considerada não como uma coisa a esconder e desprezar, algo de que se teria alguma vergonha; é sim a maior glória da encarnação feminina, a grande oportunidade que elas têm e os homens não. Os homens têm outras oportunidades, mas este privilégio

realmente maravilhoso da maternidade não é deles. É a mulher que faz este grande trabalho para o auxílio do mundo, para a continuidade da raça, e o fazem à custa de um sofrimento de que homem nenhum faz a menor ideia.

E exatamente porque isso é assim – por causa do grande trabalho feito e do terrível sofrimento que ele acarreta – é que há este departamento especial do governo do mundo; e o dever de seus oficiais é procurar por toda mulher em sua época de sofrimento e lhe dar tanta ajuda e força quantas o seu karma permitir. A Mãe do Mundo tem sob seu comando um vasto exército de seres Angélicos, e no nascimento de toda criança um deles está sempre presente como Seu representante; assim podemos perfeitamente dizer que naquele e através daquele Seu representante a Mãe do Mundo em Pessoa está presente ao lado de cada mãe que padece. Suas ministrações se estendem para todas; Ela não faz distinção entre ricos e pobres, entre santos e pecadores, entre casados e solteiros; Ela é a própria encarnação da piedade e da compaixão divinas, e para Ela basta que um corpo infantil esteja vindo ao mundo, que uma mãe esteja precisando do serviço que constitui Sua alegria prestar.

O que a Mãe do Mundo deseja é conseguir a espiritualização de toda a ideia da maternidade e do casamento, e aqueles dentre nós que desejam servi-La devem tentar usar nesta direção qualquer influência que possam ter. Alguns de nós talvez deem palestras; outros podem escrever artigos. De modo algum Ela está satisfeita com a posição geral da opinião pública na Europa a respeito deste assunto. Ela diz que a maternidade não é compreendida de fato pela maior parte das pessoas nos países ocidentais; ela não é considerada, como deveria ser, como um privilégio elevado e maravilhoso, mas sim como algo quase degradante. Ela simpatiza plenamente com aquelas mulheres que se rebelam justa e verdadeiramente contra a ideia de se tornarem escravas das paixões masculinas, mas diz que não obstante a visão geral sobre este assunto não é a que deveria ser.

Ela diz que as pessoas casam por todo o tipo de razões erradas e materiais – às vezes meramente por luxúria e desejo, às vezes por conveniência, como a de unir duas propriedades que casualmente são vizinhas, às vezes para obter uma posição e título, e às vezes meramente por dinheiro. Ela sustenta que a única razão real para o casamento é quando

existe um amor verdadeiro e espiritual de grande intensidade entre as duas partes, pois é só nestas condições que se pode prover veículos adequados para egos altamente desenvolvidos. As ideias Hindus sobre estes pontos usualmente são de longe muito melhores, mas mesmo lá elas não são postas totalmente em prática.

Por ora Ela considera de vital importância tentar-se converter o mundo ocidental ao ponto de vista mais espiritual, pois é principalmente de pais da quinta sub-raça que nascerão as crianças da sexta. De muitas formas parece que uma nova era está se descortinando diante de nós – parece que há sinais da aurora de um novo dia. Esta era, este dia, devem ser a era e o dia da mulher, pois, como um de nossos Mestres observou há muito tempo, antes que a mulher assuma seu lugar correto no mundo ela não poderá gestar corpos para Buda ou para Cristo. Em uma nota no final de *The Paradoxes of the Highest Science*, Eliphas Levi diz o seguinte:

“Os autores de *The Perfect Way* estão certos; a mulher não deve ser considerada apenas como um apanágio do homem, uma vez que ela não foi criada para seu exclusivo benefício ou prazer mais do que ele o foi para ela: mas os dois devem ser vistos como poderes iguais, embora como individualidades distintas.

“Até os sete anos o esqueleto das meninas não difere em nada do dos meninos, e o osteologista pode confundir-se em sua diferenciação. A missão da mulher é tornar-se a mãe dos futuros ocultistas – daqueles que haverão de nascer sem pecado.

“A redenção e salvação do mundo dependem da elevação da mulher. E até que a mulher não rompa os grilhões da escravidão sexual, a que tem estado submetida desde sempre, o mundo não terá uma ideia do que ela é de fato e do seu lugar devido na economia da Natureza. A Índia antiga, a Índia dos Rishis, foi a primeira a lançar sua sonda no oceano da Verdade, mas a Índia pós-Mahabaratha, com todo o seu profundo conhecimento, a negligenciou e esqueceu.

“A luz que virá para ela e para o mundo em geral, quando este de fato descobrir e apreciar as verdades que subjazem a este vasto problema do

sexo, será ‘a luz que jamais brilhou antes no mar ou na terra’, e há vir à humanidade através da Sociedade Teosófica. Esta luz conduzirá à intuição espiritual. Então haverá no mundo uma raça de Buddhas e de Cristos, pois o mundo terá descoberto que os indivíduos têm o poder de ter filhos semelhantes a Buddha – ou a demônios. Quando este conhecimento se instalar, todas as religiões dogmáticas, e com elas os demônios, se extinguirão”. E. O. [E.O. é um pseudônimo dado pelo Sr. Sinnett ao Mestre Kuthumi, e significa Eminente Ocultista].

Em conexão a estas ideias Nossa Senhora, a Mãe do Mundo, naturalmente dá maior importância à criação das crianças. As necessidades da época atual A forçam a procurar pais potenciais principalmente entre as classes cultas; mas as mulheres da alta sociedade amiúde negligenciam suas responsabilidades, e deixam seus filhos quase só sob os cuidados de babás – que provavelmente serão muito amáveis e boas, mas usualmente são de uma classe inferior à dos pais, e por conseguinte rodeiam as crianças com pensamentos e sentimentos de um tipo menos refinado do que o pai e a mãe lhes dariam. Já ouvi uma senhora dizer: “Estou o dia todo engajada em trabalho filantrópico; não tenho tempo de cuidar de meus filhos, mas emprego uma babá maravilhosa”. Ela aparentemente não compreendeu o fato óbvio de que se o Logos pretendesse confiar o cuidado daquelas crianças àquela babá maravilhosa elas teriam nascido como prole da babá, e não como sua!

Na Índia as condições são diferentes, pois todos casam por um arranjo entre as famílias; mas mesmo nas castas superiores há uma lamentável falta de supervisão, e o ambiente provido é muito desfavorável à produção de corpos fortes e sadios. Este é um assunto muito sério, a ser recomendado à profunda diligência de todos os estudiosos de ocultismo, que deveriam fazer o que estivesse em seu poder para produzir uma melhoria no estado das coisas.

É o mais intenso desejo da Mãe do Mundo que toda mulher em sua época de provação tenha o melhor ambiente possível – que ela seja envolvida por afeto profundo e verdadeiro, que ela seja cheia dos mais santos e puros pensamentos, de modo que nada senão as mais elevadas influências possam atuar na criança que há de nascer, para que ela possa ter a melhor

oportunidade possível de ter um começo de vida auspicioso. Nada senão o melhor e mais puro magnetismo físico deve rodeá-la, e é imperativamente necessário que seja observada a mais escrupulosa limpeza física em todos os detalhes. Somente a mais estrita atenção às regras da higiene pode propiciar estas condições favoráveis que permitirão o nascimento de um corpo nobre e saudável, adequado para ser habitado por um ego evoluído.

De fato seria bom que as mulheres de todos os países se unissem em uma tentativa de espalhar entre suas irmãs informações precisas sobre este assunto tão importante. Cada mulher deveria compreender plenamente as magníficas oportunidades que lhe concede a encarnação feminina; cada mulher deve ser ensinada sobre a necessidade absoluta de condições adequadas antes, durante e depois da gestação. Não só a mais perfeita limpeza e a mais cuidadosa atenção devem rodear o corpo bebê, mas também ele deve ser envolto de condições astrais e mentais perfeitas, de amor e confiança, de felicidade e santidade. Desta forma o trabalho da Mãe do Mundo seria imensamente facilitado e o futuro da raça estaria assegurado.

É claro que não vou dizer que casar é o dever absoluto de toda mulher mais do que de todo homem. Há almas que precisam aprender a lição da vida no celibato, as que em dada encarnação podem trabalhar melhor nestas condições. Este é um assunto em que os indivíduos devem ser deixados inteiramente livres para escolher por si, pois um casamento inadequado ou sem amor obviamente é muito pior do que não casar. Mas deveria ser plenamente reconhecido que a vida conjugai é um nobre estado, uma alta e honrosa vocação, e que oferece magníficas oportunidades para o trabalho mais valioso e altruísta.

É para ajudar neste reconhecimento que agora estamos chamando uma atenção especial para a existência deste Ser imenso e esplêndido que detém a função de Mãe Universal, e para o fato de que Ela precisa de muitos recrutas para suas hostes de auxiliares espalhados pelo mundo todo, de muitos canais por onde possam ser derramados Seu amor e compaixão maravilhosos sobre o mundo, que deve muito ao Seu cuidado.

Seu coração é de amor uma fonte copiosa,

em meio aos Anjos ela brilha sempre tão esplendorosa,
está reinando agora e há de reinar eternamente
oferecendo dons sem fim, larga e generosamente.
Dos que se afligem Ela é major Consoladora,
de incontáveis corações Ela é a Moderadora;
de todo o céu Ela é a Rainha, Ela é a Estrela do mar
que sobre o mundo sua luz faz sempre plena brilhar.

Um outro ponto em que a Mãe do Mundo naturalmente tem o mais profundo interesse é o da educação das crianças. Assim como Ela sustenta que toda a atitude da civilização ocidental sobre a questão da vida de esposa e mãe está equivocada, Ela também nos adverte de que perdemos completamente o rumo em nossas toscas tentativas de educarmos a futura geração. A palavra latina educere significa “conduzir”, e o objetivo primário de toda educação deveria ser desenvolver as capacidades latentes da criança – descobrindo o que ela pode fazer melhor e então ajudando-a a aprender como fazê-lo. Mas estamos só começando a entender isso, e durante séculos o método daqueles que assumiram o método de educar os jovens tem sido reprimir toda a individualidade forçando-os todos num mesmo padrão, enchendo seus cérebros com vastas quantidades de fatos indigestos e em sua maioria inúteis, em vez de explicar-lhes o verdadeiro propósito da vida e mostrar-lhes como melhor atingi-lo.

Fomos colocados neste mundo para que pudéssemos aprender a viver nossas vidas nele com crédito para nós mesmos e com benefício para nossos irmãos, mas dificilmente nossos professores fazem qualquer esforço de instruir nossos filhos em como isso deve ser feito. O modo com que cada pessoa passa sua encarnação afetaré seu progresso futuro através dos tempos, e ajudará ou prejudicará seu crescimento como alma; mas neste que é o assunto mais importante de todos quão pouca ajuda dão a ela aqueles que assumiram o encargo de prepará-las para isso!

Pondo de lado por ora os admiráveis métodos adotados pelos sistemas Kindergarten e Montessori para o desenvolvimento de crianças bem pequenas, dificilmente será exagerado dizermos que o único treinamento atualmente disponível para aqueles um pouco mais crescidos e que está se movendo na direção correta é dado pelos Escoteiros ou pelo movimento

Távola Redonda. O lema deste último, “Vive puramente, fala puramente, age bem e segue o Rei” cobre tudo o que é mais importante na vida. E a promessa dos Escoteiros de fazer seu dever para Deus e para o Rei, e de ajudar todos a todos os momentos, é somente uma outra apresentação da mesma ideia, elaborada um pouco mais no Regulamento Escoteiro que os instrui a serem honrados, leais, úteis, corteses, frugais, puros de pensamento, palavra e atos, e amigos de todos -animais e homens.

Esta é uma verdadeira educação – a educação que faz a vida digna de ser vivida; se um jovem tem este treinamento pouco importa se ele passar ou não em exames ou conquiste ou não algum grau acadêmico. Os exames são uma das piores maldições da vida moderna. Em muitos casos e em muitos países um jovem é impedido de sequer solicitar emprego no serviço público, ou de assumir qualquer cargo digno – a menos, veja bem, que ele seja capaz de demonstrar que possui aptidão para o trabalho que ele terá de fazer naquela situação, mas – a menos que ele passe em uma prova perversamente severa girando em torno de assuntos que não tem a menor conexão com a vida prática. Preparar-se para estes exames significa muitas vezes muitos anos de vida insalubre em sobrecarga mental, falta de exercício e sono adequados, confinamento em ambientes fechados, trabalho exaustivo sob luz artificial insuficiente, tudo o que é mais indesejável para o crescimento do corpo físico.

Um de nossos Mestres, dando-nos instruções detalhadas sobre o treinamento de um jovem que Ele havia confiado a nós, disse: “Cinco horas por dia, cuidadosamente distribuídas e com frequentes intervalos para relaxamento, é o máximo que um menino ou menina em crescimento devem dedicar ao trabalho mental; o que não for aprendido neste período deve ser deixado de lado”. A Mãe do Mundo, falando recentemente sobre este assunto da educação, disse: “Não tenho objeções contra o estudo em livros; um pouco disso é bom, e mesmo necessário para um trabalho eficiente; mas tenho grandes objeções à imposição de tensão e escravização incessantes sobre uma vida jovem que deveria ser cheia de felicidade. O mal feito por isso ultrapassa em muito qualquer outro hipotético benefício que poderia derivar da sobrecarga do cérebro com fatos duvidosos”.

A cada ano que passa esses exames se tornam mais difíceis, mais e mais nocivos para a alma. Logo se tornará necessário que os pais sensíveis e previdentes façam uma investida decidida contra este sistema desastroso e digam: “Podem ficar com seus graus acadêmicos, nós não os queremos; o preço que pagamos é alto demais, e o resultado é minguido demais”. Isto só poderá ser feito, contudo, quando os governos relaxarem suas restrições desnecessárias, ou quando um grande número de empregadores de bom senso se unir e concordar em aceitar candidatos que demonstrem capacidade, diligência e aptidão para o trabalho, sem consideração pelos diplomas que eles possam ter ou não.

Da mesma forma a Mãe do Mundo solicita com veemência que a visão espiritual da paternidade, do amor, do casamento, da maternidade e da relação em geral entre os sexos sejam imprimidas nas crianças com tato e delicadeza, mas com muita clareza, para que elas possam aprender os fatos da vida que lhes forem necessários da maneira certa e não da errada, do ponto de vista mais elevado e não do mais reles.

Se, então, queremos nos unir ao glorioso grupo dos que trabalham para a Mãe do Mundo, há diversas linhas de atividade à nossa escolha. Palestrando, escrevendo ou usando de nossa influência pessoal entre nossos amigos, podemos tentar dar nosso melhor para promover e expor a grande ideia da espiritualização do amor e do casamento, colocando diante de todos, jovens e velhos, os mais altos ideais nestes assuntos, e estimulando-os a não aceitar nada menos. Ou podemos tentar ajudar na instrução das mulheres sobre a higiene do parto, e sobre a necessidade de preparação tanto espiritual como física para ele; ou ainda na provisão de condições adequadas para as mulheres pobres antes e depois da época do parto. E ainda, podemos nos dedicar a qualquer dos ramos de atividade ligados à promoção do tipo correto de educação para crianças de várias idades. Devemos ter em mente a grande função da Mãe do Mundo como Consolatrix Afflictorum, a Consoladora dos Aflitos, de modo que qualquer ajuda que pudermos dar a um vizinho em dificuldade pode ser dada em Seu nome, portanto atraindo para o sofredor a Sua benigna influência e bênção.

Agora enfim, passemos a uma breve consideração do simbolismo que através de todas as épocas tem sido associado ao conhecimento e ao culto

da Mãe do Mundo, pois a tentativa de mesclar-se este simbolismo com os fatos, já descritos, tem sido responsável por muita confusão em torno da ideia central, tanto que muitas vezes chegou a torná-la inverossímil.

Parte 4

A Matéria Virgem

Deus Absoluto é eternamente Um; mas Deus manifesto é dual – vida e substância, espírito e matéria – ou, como diz a ciência, energia e matéria. Quando Cristo, nascido de um só Pai, sai de Seu ventre e olha para trás para ver o que restou, Ele vê como que através de um véu – um véu a que os filósofos da Índia antiga deram o nome de Mulaprakriti, a matéria primordial; não a matéria como a conhecemos, mas a essência potencial da matéria; não o espaço, mas o interior do espaço; aquilo de onde tudo procede, o elemento constituinte da Deidade, da qual o espaço é uma manifestação.

Mas este véu de matéria também é Deus; é tanto uma parte de Deus quanto o Espírito que atua sobre ela. O Espírito de Deus se moveu sobre a face das águas do espaço; mas as águas do espaço são tão divinas em sua origem quanto o Espírito que se move sobre elas, porque não existe nada em parte alguma que não seja Deus. Elas são a substância original que constitui a base de tudo que é criado dela. Na filosofia antiga ela é o Grande Abismo, e então, porque ele rodeia e contém todas as coisas, ela é também a sabedoria celeste que engloba e abraça tudo. Para ele na linguagem dos filósofos sempre se usou um termo feminino; eles falam do Grande Abismo como “Ela”, a Sabedoria Eterna. Assim, ela é a alma, macro e microscópica, pois o que é verdade no alto também o é embaixo.

Estas ideias são algo complexas e estranhas para nosso pensar moderno, mas se queremos entender uma religião oriental devemos nos dar ao trabalho de captar este modo oriental de ver as coisas. E assim percebemos como é que Ela, este outro aspecto da Deidade, é chamado de Mãe, Filha e Esposa de Deus. Filha, porque Ela provém do mesmo Pai Eterno; Esposa, porque através da ação do Espírito Santo sobre a matéria virgem tem lugar o nascimento de Cristo no mundo; Mãe, porque só através da matéria é que é possível a evolução que dá nascimento ao espírito Crístico no homem.

Acima e além da Trindade Solar sobre Quem pensamos usualmente há a Trindade Primordial de tudo, formada quando a Primeira Manifestação apareceu aparentemente do nada. Pois nesta Primeira e mais elevada de todas as Trindades Deus Pai é o Absoluto – o que com toda a reverência podemos chamar de Estado Estático da Deidade. Dali emana o Cristo, verdadeiramente o Segundo Aspecto da Divindade e ao mesmo tempo Sua Primeira Manifestação, pois ninguém jamais viu a Deus Pai.

Então, através da interação da Deidade em Seu próximo Aspecto – o de Espírito Santo, que representa o Estado Dinâmico da Deidade (a Vontade em ação) – com aquela essência, a raiz de toda a matéria, procedem todos os mundos e todas as futuras manifestações nos níveis inferiores, quaisquer que possam ser, incluindo a Santíssima Trindade de nosso próprio sistema solar.

Assim, o aspecto Materno da Deidade se manifesta como éter do espaço – não o éter que veicula as vibrações da luz para os nossos olhos, pois isso é uma coisa física, mas o éter do espaço que em A Química Oculta chamamos de koilon, sem o qual não haveria manifestação alguma, mas que é virgem e não é afetado depois de toda a evolução ter terminado.

Neste koilon ou éter sutil, Cristo, o Logos ativo ou Verbo de Deus, sopra o alento da vida, e ao fazê-lo Ele cria aquelas bolhas das quais é feito tudo o que chamamos de matéria (pois a matéria não é o koilon, mas sim a sua ausência); e assim quando Ele retira esse alento as bolhas cessam de existir. O éter não é absolutamente afetado, ele permanece como sempre foi – virgem – depois do nascimento da matéria a partir dele; fica incólume a despeito de tudo o que acontece, e por causa disso Nossa Senhora da Luz é louvada como Virgem, embora seja Mãe de Tudo.

Assim Ela é a essência do grande oceano de matéria, e assim Ela é simbolizada como Afrodite, a Rainha do Mar, como Maria, a Estrela do Mar, e nas pinturas Ela é sempre representada vestida do azul do mar ou do céu. Porque é só através de nossa passagem pela matéria que evoluímos, Ela é também Isis, a Iniciadora, a Mãe Virgem a partir de quem nos nasce o Cristo, o corpo causai, o veículo para a alma no homem, a Mãe de Deus em quem o Espírito divino se desenvolve em nós; pois o símbolo do ventre é

idêntico ao do Cálice do Santo Graal. Ela é representada como Eva, descendo à matéria e à geração; como Maria Madalena, quando em união não natural com a matéria, e então quando Ela ascende purificada da matéria, mais uma vez é Maria, Rainha do Céu, que entrou na vida eterna.

Enquanto estamos nos estágios inferiores de nossa evolução, e sujeitos ao domínio da matéria, Ela é para nós verdadeiramente a Mater Dolorosa, a Mãe das Dores, porque todas as nossas tristezas e problemas nos vêm através de nosso contato com a matéria; mas assim que a dominamos, assim que o triângulo deixa de ser obscurecido pelo quadrado, então Ela é para nós Nossa Senhora da Vitória, a glória da Igreja Triunfante, a Mulher vestida de sol, e tendo a lua sob seus pés, e em torno de Sua cabeça uma coroa de doze estrelas.

Se a considerarmos ao longo desta linha de simbolismo, a doutrina da absorção final da matéria no Absoluto, para que Deus possa ser todo em tudo, é o que é ilustrado pela Assunção da Bendita Virgem Maria. Os grandes festivais da Igreja Cristã são todos planejados para demonstrar aos seus membros, etapa por etapa, o que acontece no trabalho do Grande Arquiteto do Universo, na evolução do cosmos, assim como na evolução do homem. Estudando estes mistérios jamais devemos esquecer da regra dos filósofos antigos: “Assim em cima como embaixo”. Então, o que quer que vejamos tendo lugar naquela grandiosa evolução mundial também veremos repetido neste plano inferior no crescimento do homem; e inversamente, se formos capazes de estudar os métodos do desdobramento de Deus no homem aqui embaixo, veremos que este estudo é de valor inestimável na direção de um entendimento daquele desdobramento infinitamente mais glorioso que é a vontade de Deus para o universo como um todo. E aprendendo isso jamais deixaremos de colocar a lição em prática. Como escreveu um poeta:

Eu devo ser como Maria
e dar à luz à Divindade
Se hei de viver eu algum dia
na celeste felicidade.

Note-se ainda, para um melhor entendimento do simbolismo, que Cristo, o Espírito, sendo deífico em natureza, ascende por Seu próprio poder e vontade, assim como foi por Sua vontade que Ele emanou do seio de Seu Pai no início; mas Maria, a alma, é resgatada pela vontade d'Aquele que é ao mesmo tempo Seu Pai e Seu Filho; pois segundo São Paulo o primeiro Adão foi criado como uma alma vivente, mas o último Adão, Cristo, é Ele mesmo um Espírito ativo ou doador de vida. Então, seguindo Adão, que tipifica a mente, todos morremos; mas em Cristo todos revivemos.

Conclusão

O Aspecto Feminino da Deidade

Devemos perceber também que nossa mais alta concepção da Deidade combina tudo o que é o melhor das características dos dois sexos. Deus, contendo tudo em Si mesmo, não pode ser tomado como exclusivamente masculino ou feminino. Ele não pode senão ter muitos aspectos, e na religião Cristã sempre tem havido uma grande tendência de esquecer o fato fundamental da manifestação múltipla. Na perfeição da Divindade se apresenta tudo o que é mais belo, tudo o que é mais glorioso no caráter humano. Neste caráter temos dois conjuntos de qualidades, algumas que associamos em nosso pensamento principalmente ao lado masculino ou mais positivo do ser humano, e outras que associamos mais geralmente em nosso pensamento ao lado feminino. Por exemplo, a força, a sabedoria, a tendência científica e aquele poder destrutivo que na religião Hindu é caracterizado por Shiva – tudo isso consideramos usualmente como masculino. Mas o amor, a gentileza, a ternura, a harmonia, consideramos como mas especificamente femininos.

Porém todas estas características são discernidas por nós na Deidade, e é natural que as pessoas as tenham separado em dois aspectos Seus, e tenham pensado nEle como Pai-Mãe. Em todas as grandes religiões do mundo até bem pouco tempo estes dois aspectos têm sido representados, de modo que seus devotos reconhecem não só deuses, mas também deusas. Na Índia temos Parvati, Lakshmi, Uma, Sarasvati; na Grécia temos Hera, Afrodite, Deméter, Pallas Atena; no Egito, Isis e Nephthys; na China, Kwan-Yin; em Roma, Juno, Vênus, Minerva, Ceres, Diana, Bellona. Em outras religiões ainda encontramos Astarte ou Ashtaroth, a Rainha dos Céus. Imagens de Isis com seu Infante Hórus nos braços são idênticas às da Virgem Maria carregando o Menino Jesus; de fato, diz-se que antigas estátuas egípcias ainda estão em uso em diversos templos Cristãos.

Os Cristãos ignorantes acusam aquelas antigas religiões de politeísmo – do culto de muitos deuses. Isso é simplesmente um mau entendimento do

significado pretendido. Todas as pessoas instruídas sempre souberam que só existe Um Deus; mas elas também têm sabido que aquele Deus Único Se manifesta de diversas maneiras, e em todos os sentidos tão plenamente através do corpo masculino como do feminino – através do que é chamado de lado negativo da vida, bem como do positivo.

Nós, que crescemos entre ideias Cristãs, às vezes achamos um pouco difícil compreender que rebaixamos tanto o ensinamento de Cristo que em muitos casos o que hoje confessamos é apenas um arremedo do que Ele originalmente ensinou. Nós fomos educados, até onde interessa à religião, não-filosoficamente. Jamais aprendemos a apreciar o valor da religião comparada e da mitologia comparada. Os que as estudaram por muitos anos descobriram que elas lançam torrentes de luz sobre muitos pontos que de outra forma seriam incompreensíveis. Vemos que se tudo é Deus, e se não há nada além de Deus, então a matéria é tanto Deus quanto o Espírito, e que há um lado ou aspecto feminino ou passivo da Deidade assim como há um lado masculino, e mesmo assim Deus é Um só, e não nEle existe nenhum tipo de duplicação.

Tudo o que existe é Deus; mas podemos vê-Lo através de muitos diferentes vidros coloridos e de muitos pontos de vista; podemos vê-lo como o grandioso Espírito que anima todas as coisas; mas estas coisas que são animadas – as formas – não são menos Deus, pois não há nada além de Deus. E assim vemos que o que podemos chamar de aspecto feminino da Deidade, e exatamente como o lado masculino, o feminino tem muitas manifestações. De forma que antigamente havia muitos deuses e deusas, cada qual representando um aspecto, e os deuses tinham seus sacerdotes, e as deusas suas sacerdotisas, que tinham na religião um parte tão importante quanto os sacerdotes. Mas nas últimas grandes religiões, o Cristianismo e o Islamismo (ambas derivadas do Judaísmo, que ignorava o lado feminino), o Instrutor do Mundo escolheu não tornar a divisão tão evidente; portanto no Cristianismo e no Islamismo só temos sacerdotes, e as forças que são derramadas através dos seus serviços eclesiásticos, embora incluam todas as qualidades, são arranjadas e dirigidas através só da forma masculina – pelo menos até agora.

No antigo Egito dividíamos estas forças porque esta foi a vontade do Instrutor do Mundo quando fundou a religião Egípcia, e assim algumas delas fluíam através da manifestação de Osíris, e algumas através da manifestação de Isis. Portanto algumas delas eram administradas através de sacerdotes de Amen-Rá, o Deus-sol, e outras por sacerdotisas de Isis. E Isis era de todas as formas muito honrada, e considerada igualmente alto em todos os sentidos, como qualquer um dos aspectos masculinos. Ela era a grande Deusa e Mãe benéfica, cuja influência e amor penetravam todo o céu e a terra.

Hoje em dia os Cristãos aprenderam a entender o simbolismo de sua Igreja – aprenderam a ver quão multifacetada ela é, de modo que cada ideia que ela nos apresenta invoca uma hoste de pensamentos úteis e elevados, e não apenas um. Já foi feita referência àquela outra linha de simbolismo em que os diferentes estágios da vida terrena de Cristo ilustram as quatro grandes Iniciações, e Sua Ascensão tipifica a quinta. Nesta linha também entra a história de Nossa Senhora Maria, pois nela Seu nascimento representa o primeiro surgimento da matéria em associação com o ego em sua individualização, enquanto que a Anunciação ilustra o que comumente se chama de conversão, que põe o homem na direção correta, e tem o nascimento do Cristo interior como o seu resultado necessário, quando tiver terminado o seu longo período de gestação. No mesmo esquema, a Assunção significa a retirada plena e final do ego ou alma para dentro da Mônada.

Se seguirmos a outra forma de simbologia, aquela que se refere ao Nascimento de Cristo como Sua descida à matéria, Sua Conceção é, então, a formação da Mulaprakriti pela emanação da Segunda Pessoa, como foi mencionado antes, enquanto que a Anunciação ilustra a Primeira descida do Espírito Santo na matéria. O Espírito Santo desce e encobre os maria [mares, em latim – NT], o oceano da matéria virgem; o Espírito de Deus se moveu sobre a face do abismo, e então a Anunciação é esta Primeira Descida que, em nossa terminologia, chamamos de Primeira Emanação, a qual traz os elementos químicos à existência. Mas somente depois de um longo período de gestação é que a matéria fica preparada para a Segunda Emanação, que provém da Segunda Pessoa da Trindade, e Cristo nasce na matéria (no Natal). Mais tarde vem a Terceira Emanação, quando cada

homem individualmente recebe em si mesmo a centelha divina, a Mônada, e então nasce o ego ou alma humana. Mas isso em uma etapa muito posterior.

Nas religiões mais antigas, como dissemos, houve diversas apresentações do Aspecto Feminino. Para os Romanos, Vênus tipificava o amor, Minerva a sabedoria, Ceres a mãe terra, e Bellona era a defensora. Nossa Senhora, a Mãe do Mundo, não corresponde exatamente a nenhum destes aspectos, ou antes Ela inclui diversos deles, elevados a um alto plano de pensamento. Na antiguidade a maior aproximação de nossa concepção dEla que encontramos provavelmente seja a figura de Kwan-Yin, a Mãe de Misericórdia e do Conhecimento do Budismo do Norte, divulgado na China e no Tibete. Nossa Senhora é em essência Maria, a Mãe, o protótipo do amor, da devoção e da piedade; de fato, a verdadeira Sabedoria celeste, mas acima de tudo a Consolatrix Afflictorum, a consoladora, confortadora, auxiliadora de todos os que estão com problemas, tristezas, necessidades, doença ou qualquer outra adversidade. Pois não só Ela é um canal por onde o amor e a devoção se encaminham para Cristo, Seu Filho e Rei, mas Ela é por sua vez um canal para o derramamento de Seu amor em resposta.

Assim, do ponto de vista tanto do simbolismo quanto do fato, o Cristão tem uma boa razão para frequentar as Festas de Nossa Senhora, e se regozijar e dar graças pela sabedoria e pelo amor que se constituem estas linhas de aproximação – gratos a Cristo que nos dá isso, e a Nossa Senhora por Quem isso é dado. Assim podemos todos nos unir em um coro mundial de louvor, repetindo as palavras do Anjo Gabriel: “Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita Sois vós entre as mulheres”.

Ave, Maria! Oh tu cujo nome
só pode amor ardoroso invocar,
possamos nós o teu templo adentrar;
Pois o teu Filho, o nosso Senhor,
toda pessoa coroar prometeu
com alegria e amor como os teus.

Imagem da capa: A Mãe do Mundo por Nicholas Roerich

Organização do livro digital – Osvaldo R Feres

Proibida a venda deste eBook

Table of Contents

[Parte 1](#)

[A Mãe do Mundo como símbolo e como fato](#)

[Parte 2](#)

[A Mãe de Jesus](#)

[Parte 3](#)

[O Trabalho de Hoje](#)

[Parte 4](#)

[A Matéria Virgem](#)

[Conclusão](#)

[O Aspecto Feminino da Deidade](#)

